

A história que Vitória tem

A 20370

Sonia Maria Démoner

Neste mês de setembro Vitória comemora 437 anos de existência. A história do território onde está situado o Município de Vitória, tem início com a chegada de Vasco Fernandes Coutinho a Vila Velha em 23 de maio de 1535. Era o início da colonização da Capitania do Espírito Santo.

Esses primeiros portugueses, explorando as redondezas, descobriram uma grande ilha a que deram o nome de Santo Antônio, por ser o dia, 13 de junho.

Usando dos direitos estabelecidos na Carta Régia de 1534, nosso primeiro donatário contemplou aqueles que o acompanharam, com as primeiras doações de terra — as primeiras Sesmarias.

Nestes 437 anos, Vitória foi palco de vários acontecimentos. Dentre eles não poderíamos deixar de registrar aqui, o sepultamento ocorrido em 1597, na Igreja de São Tiago, do beato José de Anchieta — uma das figuras mais expressivas da História Pátria, pelos relevantes serviços que lhe prestou. Serviu também esta ilha de abrigo definitivo ao fundador do 5º Convento Franciscano da Província Franciscana da Imaculada Conceição — o Convento da Penha — Frei Pedro Palácios que teve seus ossos trasladados para o cemitério do Convento de São Francisco de Vitória em 1609.

Vitória foi, devido sua posição geográfica, uma cidade fortificada. Dentre os muitos que aqui existiram, destacamos os fortes de

com azeite de peixe e azeite de mamona. Depois a iluminação foi feita a querosene e em 1875, o presidente da Província dr. Domingos Monteiro Peixoto, contratou os serviços de iluminação a gás, que se foi acontecer em 1879. Finalmente Vitória teve o serviço de iluminação à eletricidade inaugurado em 25-09-1909, no governo do dr. Jerônimo de Souza Monteiro.

Com o advento da República, Vitória passou a ser governada pelo Conselho Municipal. Embora gratuitos, os cargos municipais eletivos eram disputados com interesse e civismo. E, janeiro de

lutamente segundo pensa, sem receio da responsabilidade”.

Conforme nos diz Carlos Xavier Paes Barreto, “o perspicaz talento de observação do dr. Jerônimo Monteiro, não tardou em encontrar o possuidor dessas qualidades no engenheiro dr. Ceciliano Abel de Almeida, cuja obra, fecundo trabalho de remodelação e combate à rotina, para sempre há de atestar sua passagem pela prefeitura”.

Nesta época — 1908, o núcleo central de Vitória, estava compreendido entre o que é hoje — Capixaba e Palácio do Governo. Basta lembrar que a estrada

Francisco de Paula, Ethereldes Queiróz do Valle, Oscar Rodrigues de Oliveira, Alceu Moreira Pinto Aleixo, Augusto Sergipense Pena Junior, Ayrton Loureiro Machado, Altamir Faria Gonçalves, Oscar Paulo da Silva, Wolgano Netto, tenente-coronel Pedro Maia de Carvalho, Otacilio da Silva Lomba, Hermógenes Lima da Fonseca e Máximo Vieira Varejão.

Com a presença de sua Excia. o Juiz eleitoral da Primeira Zona — dr. Lourival de Almeida, do sr. prefeito municipal de Vitória — dr. Ceciliano Abel de Almeida, representante do gover-

Há oitenta anos, o núcleo central de Vitória estava compreendido entre o que é hoje a Capixaba e o Palácio do Governo

A ilha de Santo Antônio, com 12 km de comprimento, 3 km de largura e 30 km de circunferência, foi doada a Duarte Lemos em 15-07-1537, transformada em escritura em 20-08-1540 e ratificada por d. João III em 08-01-1549. Foi assim Duarte Lemos legalmente, o primeiro proprietário da ilha que hoje é a capital do Estado do Espírito Santo.

Enquanto a ilha de Duarte Lemos prosperava, do outro lado (no continente) na Vila do Espírito Santo (depois Vila Velha) — Vasco Fernandes Coutinho e seus auxiliares enfrentavam sérios problemas de sobrevivência, devido aos ataques constantes dos nativos.

Buscando melhores condições de defesa, a administração da capitania foi transferida para a ilha de Duarte Lemos — batizada de Vila Nova. No entanto ali também a tranquilidade desses primeiros portugueses foi curta. Os indígenas, reagiram à invasão do seu território e após intensos e prolongados combates, foram vencidos e, em homenagem a essa conquista o nome da povoação foi mudado de Vila Nova do Espírito Santo para Vitória. Era o dia 8 de setembro de 1551. Vitória hoje está completando 437 anos de história.

Nossa Senhora do Monte do Carmo, construção de 1726, o de São Diogo, o de São Tiago, o de São Inácio, o de São Maurício, o forte de São João (construção de 1732) transformado em fortaleza e serviu como tal até 1888. A partir de então sofreu várias reformas, perdendo sua característica militar, para ser ocupada com o Clube de Regatas “Saldanha da Gama”.

Foi no século XIX, em 1814, que se levantou a primeira planta da cidade de Vitória, e em 1818 Vitória recebeu a visita do naturalista francês — Auguste de Saint-Hilaire, que contou na Vila nove igrejas, sendo a “paróquia muito grande e muito limpa”. Dois conventos — o de São Francisco e o dos Carmelitas — edificadas “fora ou quase fora da cidade”.

Vitória, recebeu ainda no século XIX, a visita de suas majestades imperiais — d. Pedro II e d. Teresa Cristina, que aqui chegaram em 26-10-1860. Nesta ocasião, Vitória já não era mais Vila, visto que por Carta Régia de 02-03-1823 fora elevada à categoria de cidade.

Neste século, Vitória recebeu importantes melhoramentos. Iluminação pública inaugurada em 01-03-1847, cujo serviço era feito



1893, encontramos no Conselho Municipal: Antero de Almeida, Joaquim Correa Lirio, Eugênio Pinto Neto, Passos Costa Junior, Alvin Aguiar e Cleto Nunes. O presidente do conselho exercia cumulativamente a chefia do Poder Executivo. Não havia ainda o cargo de prefeito da capital. O primeiro governador municipal republicano foi Cleto Nunes.

A instituição da prefeitura com suas funções exclusivamente executivas, foi obra do presidente dr. Jerônimo de Souza Monteiro, conforme Lei 528 de 14-12-1908. A expansão progressista do Estado, o impulso que estava a exigir a capital, é que determinaram a criação do cargo de prefeito, funções até então exercidas pelo presidente do Conselho Municipal.

Confiando a um prefeito a gerência dos negócios do município, tornava-se necessário que fossem os serviços da prefeitura, em seu período inicial, entregues a alguém que possuísse os predicados, que Guizot considerava necessários ao estadista: “saber crer com firmeza no que pensa e agir reso-

do Caratoira — denominada avenida Cleto Nunes — foi concluída em abril de 1910, pelo engenheiro de obras municipais — dr. Luiz Benjamim Lindenberg, e os seus custos importaram em 1:929\$500 réis. A abertura dessa estrada veio facilitar o abastecimento da população de Vitória, pois na Chácara Santo Antônio estavam instalados vários mata-douros.

Ao mesmo tempo em que era instituído o Poder Executivo municipal, Vitória viu os chafarizes sendo substituídos pelos encanamentos (inauguração do reservatório de água do morro da Santa Clara em 26-09-1909) e os lâmpios pela energia elétrica.

Ao prefeito cabia exercer o Poder Executivo do município e ao Conselho Municipal o Poder Legislativo.

Somente em 30-11-1947, foram realizadas eleições para a composição da Câmara Municipal de Vitória. Os primeiros vereadores eleitos, conforme consta da ata de instalação da Câmara, lavrada a 02-01-1948, foram: Ithobal Rodrigues de Campos, José

no estadual, do bispo diocesano e do presidente da Assembléia Legislativa estadual — foram os vereadores empossados a 02-01-1948.

Estava a cidade de Vitória com seus poderes — Legislativo e Executivo — devidamente instalados.

Vitória dos nossos dias com seus arranha-céus é um milagre de persistência e de trabalho constante da nossa municipalidade. É uma cidade que se fez palmo a palmo à custa de esforços ingentes.

A não ser o primitivo núcleo central, todas as suas ruas, suas avenidas, suas praças, seus parques, e seus jardins, foram conquistados ora à montanha, ora ao manguê e ora ao mar, numa constância e numa perseverança que admira e enobrece.

Vitória, sendo a capital do Estado, é, em síntese, um monumento vivo da própria história do Espírito Santo.

Sonia Maria Démoner é professora adjunto do Departamento de História da Ufes